

Os cadernos de anotações de Guimarães Rosa e de Eduardo Coutinho: algumas aproximações com a pesquisa em educação

Giovana Scareli

Giovana Scareli

Universidade Federal de São João del-Rei

E-mail: gscareli@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8976-5901>

Resumo

Os cadernos de anotações são ferramentas utilizadas por pesquisadores, escritores, artistas e demais pessoas para fazerem suas notas, seus apontamentos daquilo que observam da vida, das suas percepções, afecções, sentimentos, estudos, reflexões. Neles, geralmente, são escritas pequenas frases, às vezes intuitivas, descrições de cenas do cotidiano, palavras e expressões, fragmentos de aulas, palestras, citações, desenhos, letras de música, cenas de um filme, um rascunho de um poema... cabe muita coisa num caderno de anotações. Este artigo tem por objetivo apresentar fragmentos dos cadernos de anotações de Guimarães Rosa e Eduardo Coutinho, a fim de refletir sobre a importância desses cadernos na pesquisa em educação. A pesquisa bibliográfica foi utilizada para a análise dos cadernos, que foram consultados em arquivos, exposições e por meio de outras pesquisas já divulgadas. Consideramos que os cadernos de anotações podem contribuir com exemplos inventivos de fazer apontamentos, inspirando os pesquisadores da área de Educação a construir seus próprios modos de fazer anotações e ampliando as possibilidades metodológicas das pesquisas em educação ao estabelecer relações com as artes, cinema e literatura.

Palavras-chave: Pesquisa em educação; Cadernos de anotações; Guimarães Rosa; Eduardo Coutinho.

Recebido em: 03/02/2020

Aprovado em: 30/04/2020



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2021.e71304>

Abstract

The notebooks of Guimarães Rosa and Eduardo Coutinho: some approximations with research in education

The notebooks are tools used by researchers, writers, artists and other people to make their notes, their appointments of what they observe about life, their perceptions, affections, feelings, study, reflections. Generally, are written in these notebooks small phrases, sometimes intuitive, descriptions of everyday scenes, words and expressions, fragments of classes, lectures, quotes, drawings, lyrics, scenes from a film, a sketch of a poem... a lot of things fit in a notebook. This article aims to present fragments of the notebooks of Guimarães Rosa and Eduardo Coutinho, in order to reflect on the importance of these notebooks in research in education. The bibliographic research was used to analyze the notebooks, which were consulted in archives, exhibitions and through other research already published. We believe that notebooks can contribute with inventive examples of making notes, inspiring researchers in the field of Education to build their own ways of taking notes, expanding the methodological possibilities of research in education by establishing relationships with the arts, movie and literature.

Keywords:

Research in
Education;
Notebooks;
Guimarães Rosa;
Eduardo
Coutinho.

Resumen

Los cuadernos de Guimarães Rosa y Eduardo Coutinho: algunas aproximaciones con la investigación en Educación

Los cuadernos de anotaciones son herramientas utilizadas por investigadores, escritores, artistas y demás personas para hacer sus notas, sus apuntes de aquello que observan de la vida, sus percepciones, afecciones, sentimientos estudio y reflexiones. En ellos generalmente son escritas pequeñas frases, a veces intuitivas, descripciones de escenas del cotidiano, palabras y expresiones, fragmentos de clases, conferencias, citas, dibujos, letras de música, escenas de una película, un borrador de un poema. Cabe mucha cosa en un cuaderno. Este artículo tiene como objetivo presentar fragmentos de los cuadernos de Guimarães Rosa y Eduardo Coutinho, con el fin de reflexionar sobre la importancia de estos cuadernos en la investigación en educación. La investigación bibliográfica fué utilizada para análisis de los cuadernos, que fueron consultados en archivos, exposiciones y por medio de otras investigaciones ya publicadas. Consideramos que los cuadernos pueden contribuir con ejemplos ingeniosos de hacer apuntes, inspirando los investigadores en el campo de la Educación a construir sus propios modos de hacer anotaciones, ampliando las posibilidades metodológicas de las investigaciones en educación al establecer relaciones con las artes, cinema y literatura.

Palabras clave:

Investigación
educativa;
cuadernos de
anotaciones;
Guimarães Rosa;
Eduardo Coutinho.

Introdução

O encontro entre Eduardo Coutinho e Guimarães Rosa não ocorreu presencialmente. No entanto, na estreia do filme *O fim e o princípio* (2005), os entrevistadores do cineasta, estimularam-no para que falasse da sua relação com a obra de Guimarães Rosa¹. O contato com essa entrevista aproximou-me desses dois ícones da arte literária e da cinematográfica brasileira em decorrência dos métodos utilizados por ambos para registros de memória – os cadernos de anotações. Consultei os cadernos de anotações de Guimarães Rosa durante a pesquisa de pós-doutoramento, entre agosto de 2018 e julho de 2019. Após, consultá-los e escrever sobre eles, estabelecendo uma relação com a pesquisa na área de educação, tive a oportunidade de visitar a exposição “Ocupação Eduardo Coutinho”², no final de 2019, no Instituto Itaú Cultural, em São Paulo, na qual foram expostos os cadernos de anotações do cineasta.

Embora tenha abordado Eduardo Coutinho em minha pesquisa de doutoramento, entre 2004 e 2009, não havia encontrado nenhum dos seus cadernos, nem sequer menção a eles. Cogito que, talvez, possa até ter visto alguma referência a eles, mas como a percepção e a memória são seletivas, na época, não atentei para essa possibilidade de registro. Desse modo, após ter escrito e comunicado um artigo sobre os cadernos de anotações de Guimarães Rosa para um evento³, fui visitar a exposição sobre Eduardo Coutinho e ver seus cadernos de anotações, com a sua letra, descortinaram novos olhares sobre o cineasta. Infelizmente, não pude folheá-los, pois estavam fechados atrás de vidros, porém fotografei as páginas, abertas para o público.

Após este preâmbulo, exponho algumas considerações sobre a pesquisa em educação e, na sequência, apresento fragmentos dos cadernos de anotações de Guimarães Rosa e de Eduardo Coutinho, buscando estabelecer relações com as artes, cinema e literatura e a pesquisa em educação.

Algumas considerações sobre a pesquisa em educação

Os manuais de pesquisa em ciências humanas anunciam a necessidade de fazermos anotações das observações de campo em forma de fichamentos do levantamento bibliográfico e anotações de ideias, reflexões impulsionadoras das pesquisas. Ludke e André (1986, p. 12) afirmam que uma das características básicas que configura a abordagem qualitativa de pesquisa é que:

¹ Vídeo *Grande sertão: veredas – Eduardo Coutinho sobre Guimarães Rosa*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BSOQ7wAdSF8>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

² Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/coutinho-em-comum-ocupacao-eduardo-coutinho-2019>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

³ Uma parte deste artigo foi apresentado na 39ª Reunião Nacional da ANPED, realizada em 2019 e o trabalho completo compõe os Anais do evento. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_36_5>. Acesso em: 28 jan. 2020.

Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos.

As descrições contidas nos trabalhos acadêmicos são decorrentes, em muitas situações de pesquisas, dos registros e das anotações em diários de campo, cadernos de campo, cadernos de notas ou outro nome semelhante. Esses documentos, raramente, aparecem nos produtos (dissertações, teses, relatórios e artigos). O leitor desses gêneros, na maioria das situações, lê apenas os fragmentos extraídos desses cadernos. Dessa forma, não conhecemos o que os pesquisadores selecionam como textos de base da pesquisa bem como os modos de registros em seus cadernos, o que anotam e como anotam. Ainda segundo Ludke e André (1986, p. 25),

O que cada pessoa seleciona para ‘ver’ depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros.

Para as autoras, as observações que fazemos no nosso dia a dia “são muito influenciadas pela nossa história pessoal, o que nos leva a privilegiar certos aspectos da realidade e negligenciar outros” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25). Esta atividade, de privilegiar certos aspectos e negligenciar outros, se dá pela nossa percepção, que é seletiva, como diz Henri Bergson (2010, p. 267):

A percepção então não é mais que uma seleção. Ela não cria nada, seu papel, ao contrário, é eliminar do conjunto das imagens todas aquelas sobre as quais eu não teria nenhuma influência, e depois, de cada uma das imagens retidas, tudo aquilo que não interessa às necessidades da imagem que chamo meu corpo.

Ecoando Bergson (2010), nosso olhar e nossa percepção são seletivos e estão relacionados à nossa cultura, educação, sensibilidade, tradições. De tal modo, os registros e as anotações que fazemos da “realidade” são escolhas, são enquadramentos do mundo que passam pela subjetividade do pesquisador; com isso, impossíveis de serem neutras. Considerando essa subjetividade, Ludke e André (1986, p. 25) elaboram uma questão importante: “Como então confiar na observação como um método científico?” A questão é instigante. Para ficar ainda mais clara, eu a reescrevo para dar mais ênfase à preocupação das autoras: como confiar nas observações que passam pela subjetividade dos pesquisadores se a pretensão de fazer pesquisa científica tem como parâmetro um modo de fazer pesquisa que veio das ciências “duras”? Ao deixar a pergunta mais clara e com mais elementos, o que parece estar em xeque nas pesquisas em ciências humanas é uma certa desconfiança naquilo que seria sua especificidade, sua humanidade, que é exatamente a subjetividade das observações, a percepção que seleciona o que será anotado, registrado de determinada “realidade”.

Um exemplo dessa subjetividade são as anotações feitas por Eduardo Coutinho, na decupagem do filme *ABC da greve* (1991), que “indicam sua atenção para as tomadas em que Lula aparece fumando, talvez por uma questão de identificação no vício” (MATTOS, 2019, p. 220). No entanto, o problema não parece estar somente no que foi escolhido para ser registrado num caderno de observações. Gatti e André (2010, p. 36) apresentam várias considerações sobre o que chamam de “problemas no desenvolvimento das pesquisas qualitativas”, sendo, umas delas, a “não discussão em profundidade das implicações do uso de certas formas de coleta de dados, como por exemplo narrativas, registros escritos e videografados, grupos de discussão e grupo focal que requerem tratamento adequado”; também, trazem como um dos problemas a falta de “requisitos teórico-metodológicos na condução dos estudos” e a falta de “formação que vem sendo dada aos pesquisadores”. Além disso:

As abordagens qualitativas trazem um grau de exigência grande para o trato com a realidade e sua reconstrução justamente por postularem o envolvimento do pesquisador (BRITO & LEONARDOS, 2001). O que se encontra em muitos trabalhos são observações casuísticas, sem parâmetros teóricos ou sem influências consistentes, a descrição do óbvio, a elaboração pobre de observações de campo conduzidas com precariedade, análises de conteúdo realizados sem metodologia clara, incapacidade de reconstrução dos dados e de percepção crítica de vieses situacionais, desconhecimento no trato da história e de estórias, precariedade na documentação e na análise documental (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 36).

Para as autoras, há muitos problemas a serem observados nas pesquisas realizadas por meio da abordagem qualitativa, o que ajuda a fazer coro sobre a precariedade ou a falta de rigor em seus processos. Desse modo, seu valor e utilidade seriam questionáveis. Por fim, ainda dizem, que a falta de sensibilidade por parte do pesquisador, em todo o processo, “põe em risco a confiabilidade do estudo e de seus achados” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 36).

Embora esses problemas relacionados à precariedade descritiva e analítica comprometam os resultados e coloquem em risco a confiabilidade do estudo, há outra questão a ser considerada: a impossibilidade de “encaixar” uma pesquisa numa metodologia existente. Segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2012, p. 9):

Como nomear as estratégias empregadas na pesquisa, quando elas não se enquadram bem no modelo da ciência moderna, que recomenda métodos de representação de objetos preexistentes? Como encontrar um método de investigação que esteja em sintonia com o caráter processual da investigação? No que concerne à chamada coleta de dados, tal dificuldade é muitas vezes contornada pelo apelo à noção de observação participante e às entrevistas semiestruturadas. Embora em certa medida conveniente, o vocabulário importado da pesquisa etnográfica e das pesquisas qualitativas em psicologia e nas ciências humanas em geral parece, todavia, muito genérico e longe de ser satisfatório.

Dessa maneira, mais do que conhecer bem um método e seus procedimentos de coleta e análise de dados, a pergunta que precisa ser feita é: qual método é mais adequado para a temática da pesquisa estudada? Além disso, é preciso refletir quando há uma processualidade no fazer, justamente porque a

pesquisa está em acompanhar esses processos, mas é diferente de uma pesquisa-ação (que, muitas vezes, já consegue visualizar suas etapas). Nesse caso, não se sabe qual será o próximo passo, dependendo sempre do que irá construir no momento anterior.

É com essas preocupações que Passos *et al.* (2012) trabalharam a sistematização de um “método da cartografia” não para defini-la e engessá-la, mas para criar algumas pistas, a fim de libertarem as pesquisas de amarras teórico-metodológicas.

Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção.

Essa longa citação já é conhecida dentre os pesquisadores, que têm tomado a cartografia como uma inspiração metodológica e comungam de que essa inversão se mantém pertinente em decorrência da profusão de temas de pesquisas e das inúmeras maneiras de fazê-las. Em qualquer pesquisa, é indispensável que o pesquisador tenha como princípios a ética, o compromisso, o interesse e sua implicação em todo o processo. Tendo como base esses princípios e a implicação do pesquisador em todos os procedimentos e resultados de seu trabalho, as análises apressadas ou a falta de rigor seriam reduzidas. Todavia, é fundamental que o pesquisador possa criar suas ferramentas, estratégias e modos de fazer pesquisa, acompanhando os processos e interferindo no que for necessário para obter os resultados, o que evidencia um caráter inventivo e subjetivo ainda mais forte.

Para Passos e Barros (2012), há uma inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, entre o pesquisar e o intervir. Dessa forma, “toda pesquisa é intervenção”:

Mas, se assim afirmamos, precisamos ainda dar outro passo, pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designar como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação (PASSOS; BARROS, 2012, p. 17).

Implicados no plano da experiência, os pesquisadores, inspirados pela cartografia como método de pesquisa, irão acompanhar todos os efeitos da experiência do caminho que vai sendo traçado. Conhecer é um dos objetivos comuns às pesquisas, mas é também um modo de criar realidades de si e do mundo. Não é apenas saber reproduzir a realidade e “representar” o mundo, porém criar mundos, o que confere às pesquisas um caráter, fortemente, inventivo.

A inventividade nas pesquisas em educação

A invenção é uma palavra utilizada com frequência na área de Artes, bem como em Literatura e Cinema, porém pouco acionada na área da Educação. Proponho a aproximação dessas áreas à Educação, a fim de pensar em modos de fazer mais inventivos, pois acredito que a literatura e as artes podem nos ajudar a alavancar olhares mais sensíveis sobre um dos instrumentos utilizados por escritores, artistas e pesquisadores: os cadernos de anotações ou blocos de notas. Esses cadernos são aqueles em que escrevemos de tudo, mas, quando usados nas pesquisas, são comumente chamados de diários de campo ou cadernos de campo. Na área de Artes, é conhecido como caderno de artista ou livro de artista. Neste trabalho, não estou demarcando a terminologia, uma vez que a proposta é refletir sobre as ressignificações da prática da anotação a partir dos exemplos de cadernos de anotações de um escritor e um cineasta.

Sempre que iniciamos uma pesquisa, seja científica ou para a produção artística, estamos entrando num território que requer atenção e a habitação nesse território, que em princípio não era habitado por nós. Se pensarmos no pesquisador como um cartógrafo, ele entra num campo onde há processos em curso e onde ele irá começar a pesquisa de um determinado ponto. Mas esse ponto não é o início; é o meio. Do mesmo modo, quando se termina a pesquisa, as possibilidades de transitar no território continuam. Interrompemos o fluxo, paramos no meio, porque apenas a pesquisa terminou; ou seja, um pesquisador-cartógrafo está sempre no meio de processos em andamento. É assim que “a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante” (BARROS; KASTRUP, 2012, p. 56), chegando a um território existente, intervindo e depois deixando-o.

Carlos Rodrigues Brandão, no capítulo “Escrito com o olho – anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e idéias”, publicado em 2005, expõe, de maneira objetiva e reflexiva, seu trabalho como pesquisador e antropólogo, envolvido com pesquisas etnográficas, lançando mão de registros em imagens (fotografias e vídeos) e escritos em cadernos de anotações. Reflete sobre suas dificuldades de escrever e usar nos seus textos as imagens que fotografou embora elas tenham constituído a base para a escrita em conjunto com as anotações. Menciona, também, as publicações construídas predominantemente por imagens com poucos textos e aponta as dificuldades de articular linguagens, utilizadas como registros do território habitado, para a confecção de trabalhos teóricos. Como fazer para que as imagens tenham protagonismo nos trabalhos acadêmicos e não fiquem em segundo plano, como ilustrações daquilo que está sendo escrito? Essa questão não será tratada neste momento, pois, apesar de a análise de imagens associadas ao verbal serem significativas, abordaremos apenas os cadernos de anotações.

Barros e Kastrup (2012, p. 69) dizem que “há uma prática preciosa para a cartografia que é a escrita e/ou desenho em um diário de campo ou caderno de anotações.” Ainda, segundo as autoras:

Para a pesquisa cartográfica são feitos relatos regulares, após as visitas e as atividades, que reúnem tanto informações objetivas quanto impressões que emergem no encontro com o campo. Os relatos

contêm informações precisas – o dia da atividade, qual foi ela, quem estava presente, quem era a responsável, comportando também uma descrição mais ou menos detalhada – e contém também impressões e informações menos nítidas, que vêm a ser precisadas e explicitadas posteriormente. Esses relatos não se baseiam em opiniões, interpretações ou análises objetivas, mas buscam, sobretudo, captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos. Podem conter associações que ocorrem ao pesquisador durante a observação ou no momento em que o relato está sendo elaborado (BARROS; KASTRUP, 2012, p. 69).

Embora as autoras falem dos cadernos de notas, elas não exploraram analiticamente nenhum exemplo desses cadernos. Afinal, o que contém os cadernos de anotações e diários de campo dos pesquisadores? De acordo com Meyer (2006, p. 1):

Poucos pesquisadores tornaram públicas suas anotações. LÉVI-STRAUSS (1994) reproduz poucas páginas do caderno de notas, sugerindo ao leitor uma idéia da riqueza dos registros do antropólogo – textos, mapas geográficos, pautas musicais e desenhos. RIBEIRO (1996) publicou os seus diários de campo ‘sem retoques’, como gostava de frisar, após 47 anos da sua primeira expedição às aldeias dos índios Urubus-Kaapor.

Alguns escritores e artistas possuem uma sistemática de registro em cadernos. Estes, muitas vezes, estão disponíveis em museus, arquivos ou outras instituições, cuja finalidade é guardar e conservar esse material, que contém as etapas do processo de escrita. Foi por meio de visitas ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) que tive acesso aos cadernos e cadernetas de João Guimarães Rosa e, em decorrência da visita a uma exposição, que pude ter contato com os cadernos de anotações de Eduardo Coutinho.

Já que temos dificuldades de consultar os diários dos pesquisadores, a proposta foi partir das anotações de um escritor e de um cineasta para refletir sobre esse instrumento de produção de dados para as pesquisas acadêmicas. As questões que me movem são: qual a importância dessas anotações para as suas obras? Qual seria a importância para as pesquisas, utilizando essas anotações como fontes documentais?

Temos, aqui, um dado a ser considerado: as anotações podem subsidiar a pesquisa, a produção de suas análises e a escrita dos produtos decorrentes dessas análises bem como a disponibilização dessas anotações poderá ser (re)incorporada em outras pesquisas, assim como acontece com os cadernos e cadernetas de Guimarães Rosa, que foram utilizados pelo escritor para a criação de suas obras, mas que, hoje, são fontes para muitas outras pesquisas.

Os cadernos de anotações de Guimarães Rosa e de Eduardo Coutinho

Guimarães Rosa sistematizou o material que produziu e o acervo disponível no IEB/USP está organizado para facilitar a consulta pública, disponibilizando informações digitalizadas que podem ser

acessadas via internet.⁴ Assim, o primeiro tema que abordo é a necessidade do rigor do pesquisador com as suas anotações. Quanto mais informações tiver, mais será possível para ele (e, talvez, para futuros pesquisadores) aproveitá-las. A pesquisadora Monica Meyer (2006, p. 54) apresenta, de maneira detalhada, o material de “Boiada”, que analisou no IEB/USP:

O material de Boiada está guardado em 4 pastas – 26, 27, 28 e 29 da série Estudos para a Obra (EO). A pasta 26 do EO contém, em 50 páginas, anotações sobre bois e vaqueiros e dois ensaios (em elaboração) A SAÍDA (19.05.52) e A BOIADA (na Sirga) baseados nos dados da caderneta de campo. Além deste material encontram-se as notas da Grande Excursão a Minas feitas no período de 3 a 13 de dezembro de 1945, nas primeiras vinte páginas iniciais. O ensaio A SAÍDA começa sendo datilografado e posteriormente passa a ser escrito à caneta tinteiro de cor azul marinho. O outro ensaio, A BOIADA, alinhava e costurava as informações e percepções pontuais da viagem, tecendo um texto mais estruturado. A pasta 27 tem o caderno do vaqueiro Zito e oitenta e seis páginas com anotações e comentários feitos a partir das pastas 28 e 29, que descrevem a viagem minuciosamente. Cabe ressaltar que as observações registradas nas pastas são transcrições literais das anotações na caderneta de campo e permitem reconstruir, com precisão, a viagem do escritor ao sertão de Minas em 1952.

A riqueza de detalhes do material arquivado possibilitou não só a Meyer (1998) fazer sua pesquisa de doutorado, mas também a tantos outros pesquisadores, como Vasconcelos (1984), Leonel (1985) e Cavalcante (2007) investigarem os cadernos de viagens e cadernetas de anotações desse escritor para sustentarem suas pesquisas. Ter uma caderneta sempre às mãos não é para anotar só detalhes, mas para que qualquer ideia, observação ou *insight* não se perca.

Guimarães Rosa fez suas anotações numa cadernetinha de bolso pendurada ao pescoço por um barbante, tendo na ponta um lápis. O barbante todo enebado ainda se encontra na caderneta 6, único exemplar da Boiada que faz parte da série Estudo para Obra do Arquivo Guimarães Rosa. A cadernetinha, leve e fácil de carregar, possibilitava ao escritor escrever mesmo em situações adversas. Ela é do tipo ‘De Luxe’ marca registrada, tamanho 15, pautada, capa dura de papelão cinza e espiral verde, possui 30 páginas numeradas contendo apenas os dois últimos dias da viagem (MEYER, 2006, p. 55).

A caderneta de Guimarães Rosa era leve e fácil de carregar. Durante a viagem, ele a pendurou no pescoço com um barbante, cuja ponta tinha um lápis. Ou seja, o caderno de anotações era inseparável do pesquisador. Eugênio Silva, repórter fotográfico da revista *O Cruzeiro* disse que “Guimarães Rosa perguntava constantemente aos vaqueiros os assuntos mais variados para, logo a seguir, anotar em sua cadernetinha pendurada no pescoço” (MEYER, 2006, p. 3). Então, além de ter uma caderneta, é necessário habituar-se a usá-la. Talvez, essa seja a dificuldade de muitos pesquisadores, principalmente no início da carreira, de fazer uso sistemático do caderno de anotações, de tornar essa prática um hábito.

⁴ As informações estão disponíveis via internet. Mas, para ter acesso ao documento, é preciso consultar o arquivo pessoalmente. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaUnidadesLogicas.asp?Tipo_Unidade_Logica_Codigo=1&Setor_Codigo=1&Acervo_Codigo=1&Numero_Documentos=>. Acesso em: 7 fev. 2019.

Além da importância de ter uma caderneta sempre à mão e de fazer as anotações, é preciso pensar na sistematização dessas notas. O que fazer com todas as anotações presentes no caderno? Como sistematizá-las? Conforme Meyer (2006, p. 3):

Todas as anotações da caderneta foram datilografadas pelo escritor. O processo de transcrição planejado e organizado seguiu o mesmo padrão. A folha de papel usada era sempre a mesma cor branca, sem pauta, formato 20 x 25 cm, trazendo na margem superior a palavra cópia impressa em vermelho. A maneira de inserir o papel na máquina era sempre igual, pelo avesso de tal maneira que a palavra cópia ficasse invertida. Essa técnica de trabalhar sugere como Guimarães Rosa era metódico e sistemático. Encontramos nas pastas textos e rascunhos dessa viagem a Minas, o que demonstra que tudo era devidamente arquivado. Confrontando os manuscritos da caderneta com o material datilografado (pasta EO 29, BOIADA 2) percebe-se que Guimarães Rosa transcreve na íntegra os registros de campo. Três páginas da caderneta correspondem a uma lauda datilografada. A maneira de ocupar o papel também era sempre a mesma. O lado direito da folha reservado para o texto datilografado e o esquerdo para anotações, destaques e marcações posteriores com lápis de cores vermelhas, azuis, verdes e grafite. As marcações no texto são constantes, assinalando partes com chaves, círculos, traços, grifos, setas, cruz, exclamações, interrogações, xis, hachuras em várias direções ou até mesmo colorindo todo o trecho. Muitas vezes combina um tipo de sinal com outro, formando um escrito colorido e arquitetônico.

O escritor tinha uma metodologia própria de construir dados para suas obras. Havia um rigor e um cuidado com as informações, porém as anotações e transcrições nem sempre são acionadas em pesquisas acadêmicas. Havia, também, um método personalizado de transcrever, próprio do autor, o jeito de colocar a folha na máquina de escrever, a ocupação do papel, as cores dos lápis, o espaço para as anotações e os diversos tipos de marcações.

Para Cavalcante (2007, p. 5), as marcações, as anotações posteriores, que ela chama de “pegadas”, “denunciam o viajante que volta as suas notas não apenas para reviver momentos que o deixaram maravilhado, mas como um trabalhador que ali vai buscar ferramentas para a construção de sua obra”.

A disciplina de rever as anotações e transcrevê-las, de organizar o material com informações completas, a leitura e anotações posteriores são fundamentais para dar início às análises. Estas são as ferramentas do trabalho do escritor e do pesquisador. Mas o que há nas cadernetas de Guimarães Rosa? O que ele elege para anotar?

Segundo Meyer (2006), a maioria das notas de “Boiada” é relacionada aos bois. No entanto, há descrições minuciosas do amanhecer, entardecer e anoitecer, como neste trecho:

Esta madrugada, deitado, via a lua, já baixa, lua cheia, pronta a ir-se. (Lado meu era o poente). Poente da lua cheia (ainda alto, eclipsado). Depois às 4hs 30', as nuvens cinzento-verde, leve. Hora em que as nuvens (isoladas) refletem os verdes do mundo. Depois, elas ficam azul e rosa). (Boiada 1, p. 4 – 10/5/1952. MEYER, 2006, p. 4).

É possível obter muitas informações nesse fragmento: era madrugada, ele estava deitado olhando para o céu, observando a Lua (cheia), o movimento das nuvens, as cores do céu. Dá-nos, inclusive, uma referência horária, 4h30 da manhã. Meyer (2006, p. 6) frisa que

[...] as notas de campo abrangem e incorporam o sertão na sua totalidade. Guimarães não tinha a intenção de produzir uma etnografia. As anotações contêm dados de uma experiência absorvida (uso de propósito o termo, pois percebo que ele vai trazendo a viagem nos seus múltiplos aspectos, os cheiros, sons, cores, gostos e tatos ficam impregnados na pele do autor, são incorporados).

A imagem de uma “experiência absorvida” potencializa os olhares. “Tragar” a viagem com todos os sentidos alertas. Deixar-se impregnar pelo campo, pela pesquisa, pelas ideias. Essa experiência está relacionada à implicação do pesquisador, de que falamos antes, não no sentido do compromisso e da responsabilidade, mas no mergulho que faz no tema (campo/território) pesquisado. Então, o que devemos eleger para anotar nos cadernos de anotações de nossas pesquisas acadêmicas? Guimarães Rosa, em carta escrita para o seu pai, Seu Florduardo, diz:

[...] preciso de aproveitar a oportunidade para penetrar de novo naquele interior nosso conhecido, retomando contato com a terra e a gente, reavivando lembranças, reabastecendo-me de elementos, enfim, para outros livros, que tenho em preparo. Creio que será uma excursão interessante e proveitosa, que irei fazer de cadernos abertos e lápis em punho, para anotar tudo que possa valer, como fornecimento de cor local, pitoresco e exatidão documental, que são coisas muito importantes na literatura moderna (ROSA, 1999, p. 179-180).

Uma resposta possível é “anotar tudo que possa valer” e com “exatidão documental”. A exatidão documental não deve ser entendida aqui como um engessamento, porém como uma preocupação de trazer dados e informações precisas não somente do que o pesquisador observa ou sente, mas dados que são objetivos, como, por exemplo, data, local, referências bibliográficas etc.

Estar aberto para o que possa aparecer, fazendo anotações daquilo que achar relevante, tem muita relação com a pista da “atenção”, trabalhada por Kastrup (2012) a partir do “reconhecimento atento” de Bergson, “atenção flutuante” de Freud, “atenção à espreita” de Deleuze, atenção não como “seleção de elementos” num campo perceptivo dado, todavia como “responsável por configurar o próprio campo perceptivo” de Merleau-Ponty. Para Kastrup (2012, p. 40), a “atenção tateia, explora cuidadosamente o que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata”. Portanto: “A ativação de uma atenção à espreita – flutuante, concentrada e aberta – é um aspecto que se destaca na formação do cartógrafo. Ativar esse tipo de atenção significa desativar ou inibir a atenção seletiva, que habitualmente domina nosso funcionamento cognitivo” (KASTRUP, 2012, p. 48).

Ao ler alguns registros feitos por Guimarães Rosa, evidencia-se como ele tinha a atenção à espreita. Ele não demonstra interesse em uma única perspectiva, mas amplia as possibilidades de percepções do real. Sua atenção estava acionada para tudo que fazia sentido para ele, que o tocava, que o movia. É sinestésica, apontando para os movimentos dinâmicos dos recortes observados. Nesse sentido, quando digo da atenção que o pesquisador precisa cultivar e que ele não deve ter “um foco” direcionado ao seu objeto, é para evitar que fique “cego” ou “míope”, deixando de ver tantas coisas que há no território existencial da sua pesquisa.

Na visão de Cavalcante (2007, p. 6),

Guimarães Rosa, em suas viagens, valia-se de cadernetas para gravar sensações, descrever tipos e paisagens, anotar expressões, burilar outras. Sem um objetivo específico, isto é, sem visar à realização de uma determinada obra, mas como um viajante curioso, permanente estudante da vida e da natureza, sempre voltado para o seu trabalho, documentando-se, armazenando idéias, exercitando-se no manejo da língua. Desempenhando duplo papel – de minerador e alquimista – procura reter as emoções das descobertas, do momento vivido, o prazer despertado pela beleza das paisagens e obras de arte, assim como descrever os acontecimentos prosaicos e o dia a dia do viajante em férias. Ao mesmo tempo, vai trabalhando, transformando, recriando a partir do material garimpado.

O exemplo do trabalho de anotação desse escritor nos serve de inspiração, para que sejamos “viajantes curiosos” em nossas atividades de pesquisa, estudantes da vida, trabalhando com afincamento e dedicação naquilo que nos propusemos a fazer, a fim de compreender, dar a conhecer e inventar mundos possíveis. Remete a uma imagem poética do pesquisador como um “minerador e alquimista”, que mergulha, escava, afunda e retorna com aquilo que encontrou e vai burilando, “transformando, recriando a partir do material garimpado”.

As anotações, mote para este texto, são encontradas em uma entrevista do escritor moçambicano, Mia Couto, para a revista *Carta Capital*. Ele fala sobre a influência de Guimarães Rosa na sua obra e, mais objetivamente, sobre o ato de “tomar notas” para começar a escrever:⁵

CE: O senhor consegue trabalhar em duas obras simultaneamente ou se dedica exclusivamente a uma? Tem algum horário certo para escrever?

MC: Sou biólogo e trabalho em uma empresa que faz estudos ambientais e planos de gestão de parques, o que me obriga a uma rotina de estar no serviço de manhã e à tarde. Quando faço trabalhos de campo, aproveito para conversar com muita gente do interior, o que também me obriga a tomar notas e, dessa forma, começo a escrever. Mas minhas histórias são sempre conduzidas pelos personagens. Eu preciso me apaixonar por um personagem, ele precisa tomar posse de mim, são os personagens que contam as minhas histórias. Não há nada arquitetado previamente, não tenho um desenho do livro na cabeça.

Ter a atenção flutuante tal como uma viajante curioso. Inspirar-se nos mineradores (poderia ser também mergulhadores) e alquimistas. Estar implicado com a pesquisa e sempre fazer anotações num caderno, caderneta, diário... eis alguns elementos que, para além de tantas teorias metodológicas, consideramos fundamentais para qualquer pesquisa a despeito de qualquer metodologia, método ou abordagem.

Eduardo Coutinho, ao falar sobre a obra de Guimarães Rosa⁶, faz uma comparação entre a escrita e o documentário: “A perfeição está ligada à morte. A escritura me lembra a tentativa de perfeição e a

⁵ Entrevista concedida em 2010 para *Carta Capital*. Disponível em: <<https://www.portalraizes.com/1mia-couto-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

⁶ Vídeo *Grande sertão: veredas – Eduardo Coutinho sobre Guimarães Rosa*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BSOQ7wAdSF8>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

perfeição está ligada à morte para mim. [...] e o documentário é o imperfeito, é o inacabado, entende? É isso. E o Guimarães, não, o Guimarães foi a perfeição, né? É outra coisa” (trecho transcrito do vídeo).

Coutinho declara, nesse vídeo, ter tido dificuldade para escrever, pois considera Guimarães Rosa um fenômeno de perfeição, um artista que se aprofundava na língua, nos costumes para construir suas obras. Coutinho se diferencia de Rosa ao dizer que, enquanto Rosa se aprofunda, ele opta por registros da superfície. Cita, inclusive, a frase de Paul Valéry: “O mais profundo é a pele” em contraposição aos alemães, por serem “chatos” com tanta profundidade. Coutinho observou que “devia ter relido Grande Sertão: Veredas, [porque] tem livros que tem que reler”, e apresenta duas diferenças entre o modo de produção e as obras produzidas pelos dois artistas: profundidade/superfície e literatura/documentário.

Pelo que pude ver dos cadernos de anotações de Guimarães Rosa, ele era um escritor meticuloso com as suas anotações, primoroso em suas escritas, de uma incrível capacidade de invenção a partir das anotações que fazia em suas viagens e em imersões pelo sertão mineiro, como a descrita na caderneta nº 6, “De Luxe”, a qual foi utilizada para a escrita de Grande sertão: veredas. Entretanto, a superficialidade à que se refere Eduardo Coutinho sobre seu modo de trabalhar não dispensa o rigor, a ética e o primor na produção de suas obras. São modos distintos de imersão e produção. Embora essas diferenças possam marcá-los, ambos são, sem dúvida, grandes artistas.

Coutinho tem uma vasta produção cinematográfica, das quais muitas foram feitas a partir de uma “pesquisa prévia”, como foi o caso de *Santo Forte* (1999) e *Edifício Master* (2002), por exemplo. Há, também, filmes que incorporam a pesquisa ao filme, como é o caso de *Peões* (2004), expondo o processo de busca dos personagens a partir de fotografias da época das grandes greves no ABC paulista e de fotogramas de filmes. Esses exemplos demonstram o valor que Coutinho dava para a pesquisa estabelecida como um dos primeiros dispositivos para seus filmes. Também, indicam que a pesquisa é um trabalho da equipe, pois as entrevistas gravadas previamente são levadas para o diretor assistir e escolher com quem iria conversar durante as gravações do filme. Isso porque, para ele, “a filmagem é um acontecimento único: não houve antes, nem há depois”. Por essa razão, não gosta de se encontrar com a pessoa antes do momento da filmagem,

[...] porque pode perder o ‘frescor’, a surpresa do primeiro encontro. Dessa forma, Coutinho chega ao local da filmagem quando está tudo organizado, pronto para filmar. É o encontro com o outro que poderá surpreendê-lo e com aquilo que não é possível ser repetido, por ser único, que o fará sentir vontade de filmar (SCARELI, 2012, p. 74).

A pesquisa prévia e a surpresa do primeiro e (quase) único encontro foram deixadas de lado para as filmagens de *O fim e o princípio* (2005). Mattos (2019, p. 227) afirma: “Por um desvio de caminho, o nome da mediadora Rosa nos traz à lembrança Guimarães Rosa, objeto de admiração de Coutinho. *O fim e o princípio* vem a ser um dos filmes mais roseanos do cinema brasileiro, bem mais que algumas adaptações de obras do escritor”.

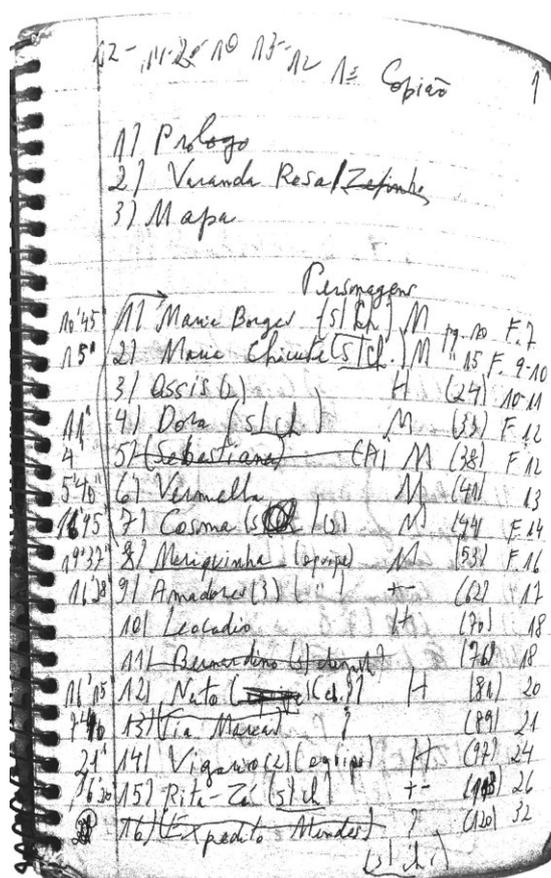
Mattos (2019, 228) observa, nesse documentário, uma aproximação com Guimarães Rosa, porque a “oralidade sertaneja transborda para o campo visual na forma gestual exuberante de significados, com meneios de cabeça, palmas substituindo palavras, olhares enviesados e pausas intrigantes”, elementos que Rosa observava nas pessoas do sertão mineiro, utilizadas para escrever suas obras e que Coutinho também utilizou em seu filme. O autor transcreve o rascunho de uma sinopse, feita em 2004, com o título “As palavras”, do que viria a ser *O fim e o princípio* (2005): “Este é um filme sobre a conversação (troca de palavras), a forma mais natural da linguagem, baseada na interação entre dois ou mais interlocutores situados face a face” (MATTOS, 2019, p. 224). Será que essa sinopse estava num dos cadernos de anotações?

As anotações de uma pesquisa são importantes para o pesquisador, escritor, cineasta, estudante, professor. A anotação das ideias é um recurso para ter em mãos aquilo que pensamos num determinado momento e de que não nos lembraríamos, a que não teríamos mais acesso, caso não estivesse anotado. Mas não anotamos apenas ideias. Cabem inúmeras coisas em um caderno, como diz Jorge Larrosa (LARROSA; RECHIA, 2018): copiar uma citação, escrever frases ou ideias que se dão em uma aula (pois a oralidade é efêmera), uma sensação, um pensamento: “Poderíamos dizer que o caderno tem algo de captura instantânea, em um tempo e um lugar, mas é também um artefato de rememoração, de repetição, de regresso, de retorno, de reflexão. No caderno se anota aquilo em que se insiste” (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 94).

Guimarães Rosa utilizava seus cadernos para capturar momentos e acontecimentos, palavras e imagens, que ele descrevia ou desenhava nas páginas dos seus cadernos. Posteriormente, retornava a eles no momento da escrita de suas obras, lia, memorava, refletia, reescrevia. O caderno é, portanto, “o lugar onde se encontram o sujeito que lê, que pensa, que escuta e que conversa com o sujeito que escreve, ou pelo menos, com o sujeito que quer escrever, isto é, com o sujeito que começa a frasear e parafrasear” (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 94).

Mattos (2019) exhibe várias figuras dos cadernos de Coutinho. Uma delas é do caderno de anotações do filme *O fim e o princípio* (2005). Vemos um caderno com pauta, espiral, bem simples e um pouco amassado nas bordas. Na página do caderno, é possível ler várias anotações, dentre elas: “1º Copião”, a anotação de um número “1” no canto superior direito; depois: 1) Prólogo; 2) Varanda Rosa/Zefinha; 3) Mapa.; pulando uma linha, vem uma sequência de personagens, com outras marcações.

Figura 1 – Caderno de anotações de Eduardo Coutinho – filme *O fim e o princípio*



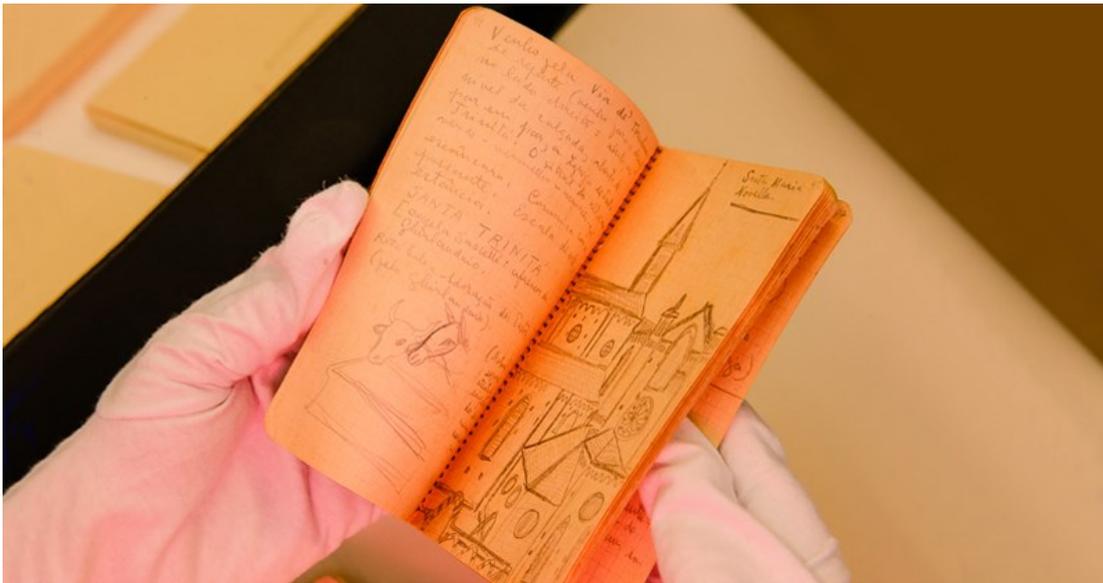
Fonte: Mattos (2019, p. 226).

O caderno se caracteriza como um documento que contém notas para a edição e montagem do filme. Observam-se a ordenação das cenas e o tempo de fala para cada personagem entre outras informações apontadas pelo cineasta.

O último filme de Coutinho, *Últimas Conversas* (2015), quando estava em processo de edição e montagem, ocorreu a trágica morte do diretor. No entanto, a obra pôde ser finalizada pelo cineasta João Moreira Salles e pela montadora Jordana Berg, pois ambos trabalhavam há anos com Coutinho, conheciam bem o cineasta, mas, também, porque puderam se apoiar “nas observações faladas e escritas que ele deixou” (MATTOS, 2019, p. 249). O caderno de anotações, como registro de um processo, teve papel fundamental para que outros pudessem dar continuidade à produção. O caderno, nesse caso, deixa de ser íntimo e passa a ser público, assim como as cadernetas de Guimarães Rosa, hoje disponibilizadas para consulta no IEB/USP.

Para arrematar – algumas imagens e alguns destaques

Figura 2 – Caderno de anotações de Guimarães Rosa



Fonte: *Jornal da USP*.⁷

O desenho de um boi e um cavalo compõe a página com as palavras escritas com a letra do escritor. Na outra página, um desenho de uma grande igreja com uma legenda no canto superior direito da página, indicando ser Santa Maria Nouvelle, que fica em Florença, na Itália. No texto, ele conta sobre a caminhada e a surpresa ao ver a igreja entre outras informações.

Em um fragmento do Plano de Ensino da disciplina “Arte e Cultura em Educação Social”, ministrada por Jorge Larrosa, está escrito que “O caderno de campo também será público e poderá ser requerido pelo professor a qualquer momento” (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 91). Em outra passagem, o autor conta:

[...] gosto de guardar os cadernos dos meus antigos alunos (os melhores, os mais bonitos, os mais interessantes) e chegar um dia à aula e abri-los em cima de uma mesa no meio de uma aula e deixar que os novos os manuseiem, os vejam, e por que não, os admirem. Trata-se de utilizar os cadernos de cursos anteriores como modelos, ou pelo menos como estímulos para novos cadernos. E isso, claro, somente pode ser feito com os cadernos em papel (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 95).

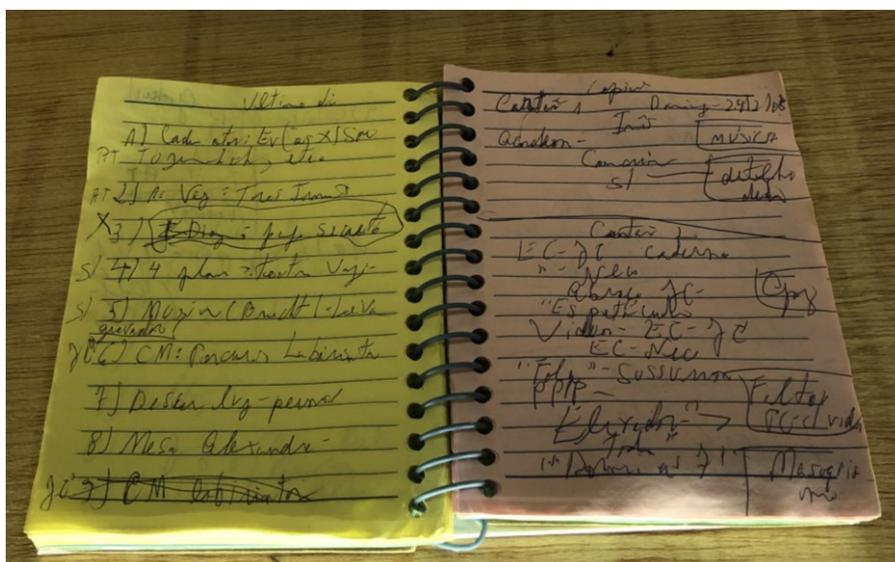
Os cadernos de notas são, portanto, estímulos para a produção dos nossos próprios cadernos. Aí, encontra-se uma justificativa da importância do caráter público de algo que nos parece tão íntimo, como são os nossos cadernos de anotações. Nas pesquisas realizadas sob a inspiração cartográfica, a qual acompanha um processo e o próprio percurso da investigação, as anotações devem ser constantes e imprescindíveis para a escrita dos trabalhos. Assim, seria interessante que pudessemos conhecer um pouco mais dessas anotações além dos seus frutos interpretativos. O caderno de anotações do filme *Moscou* (2009), de caráter processual, é realizado a partir de pesquisas que se valem da cartografia.

⁷ Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/acervo-da-usp-conta-a-trajetoria-de-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

Desde a conversa de abertura, Coutinho anunciava sua intenção de trabalhar com o inacabado. Achava que a peça de Tchekhov não deveria ter um desfecho. O que lhe importava, em *As três irmãs*, era seu caráter inconcluso, os fragmentos e as lacunas, correlatos da irrealização dos personagens. Não fazia questão que o público assimilasse a íntegra da peça por meio do filme. Nem queria fazer *making of* da montagem. Muito menos dirigir atores. Em suma, Coutinho sabia muito bem o que não queria. Durante o percurso, descobriria, afinal, o que queria (MATTOS, 2019, p. 269).

Na perspectiva da cartografia, o horizonte sinaliza o inacabado, o inconcluso; evidencia que os processos se dão numa travessia. É durante o percurso que se descobre o que se quer, por isso que não há um roteiro predefinido tão claro de antemão, nem sempre há hipóteses e os objetivos podem ser modificados ao longo do processo. No entanto, os cadernos de anotações dos pesquisadores são portos seguros, dos quais eles devem se valer para anotar tudo o que acontece, o que lhes toca e lhes atravessa. Descrições, ideias, transcrições de citações, reflexões.

Figura 3 – Caderno de Anotações de Eduardo Coutinho – filme *Moscou* (2009)



Fonte: fotografia da autora registrada na Ocupação Eduardo Coutinho.

Nesse caderno, com páginas coloridas e espiralado, vemos a letra de Coutinho um pouco mais descuidada do que no caderno anterior (Figura 1). Muitas rasuras, alguns destaques, usando de um contorno e alguns traços. Provavelmente, além do próprio diretor, outros membros da equipe tinham acesso às suas anotações, a fim de auxiliar nos diferentes momentos de produção do filme. Mas será que Coutinho imaginava que esses cadernos poderiam vir a público um dia? Penso que não.

Neste texto, propus tomar os cadernos de anotações do escritor Guimarães Rosa e do cineasta Eduardo Coutinho como objetos para refletir sobre as possibilidades de uso dos cadernos e a importância deles como instrumentos de pesquisa. Esses cadernos podem servir de inspiração para inventar nossos próprios cadernos, as formas de anotar e de utilizar essas anotações. Todavia, o que parece indispensável não é apenas ter um caderno de anotações, mas anotar, praticar essa escrita. Larrosa (LARROSA; RECHIA,

2018, p. 95) diz: “Nesse sentido, e acredito que é algo sobre o que devo insistir, as aulas, os textos, os filmes ou os exercícios não são nunca, nos meus cursos, um conteúdo (que palavra feia), mas um estímulo para o pensamento, para a invenção, para a escrita”.

Assim, acionar os cadernos de anotações e conhecer esses registros deixados por escritores, cineastas, artistas e outros pesquisadores possibilitam aproximações e inter-relações entre diferentes áreas do conhecimento, como Educação, Literatura, Cinema e Artes, contribuindo com exemplos para que os pesquisadores construam seus próprios modos de fazer pesquisa e viabilizando olhares cruzados nas pesquisas em educação.

Referências

ABC da greve. Direção: Leon Hirszman. Produção: Claudio Khans e Ivan Novais. São Paulo: 1991. (75 min). son. color.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Escrito com o olho – anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e idéias. In: ECKERT, Cornélia; NOVAES, Caiuby (Org.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 157-183.

CAVALCANTE, Neuma. Cadernetas de viagem de João Guimarães Rosa: fonte de criação literária. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 8, p. 303-318, 1 ago. 2007.

EDIFÍCIO Master. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Videofilmes. Rio de Janeiro: Riofilme, 2002. (110 min), DVD duplo, son., color.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 29-38.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 32-51.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. **Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto**. 1985. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATTOS, Carlos Alberto. **Sete faces de Eduardo Coutinho**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

MEYER, Mônica. **Ser-tão natureza – a natureza de Guimarães Rosa**. 1998. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

MEYER, Mônica. As Anotações de Viagem de Guimarães Rosa pelo Sertão de Minas Gerais. **Graphos**, João Pessoa, edição especial, p. 53-61, 2006.

MOSCOU. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Videofilmes; Matizar. Rio de Janeiro: Bretz Filmes, 2008. (78 min), DVD, son., color.

O FIM e o princípio. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Videofilmes. Rio de Janeiro, 2005. (110 min), DVD, son., color.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PEÕES. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Videofilmes. Rio de Janeiro, 2004. (85 min), DVD, son., color.

ROSA, Vilma Guimarães. **Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SANTO Forte. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP). Rio de Janeiro: Riofilme; Funarte, 1999. (80 min), VHS, son., color.

SCARELI, Giovana. **Santo Forte: cinema e educação na obra de Eduardo Coutinho**. São Cristóvão, SE: Ed. da UFS, 2012.

ÚLTIMAS Conversas. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Videofilmes. Rio de Janeiro: Bretz Filmes, 2015. (85 min), DVD, son., color.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **Baú de alfaias**. 1984. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.